

XX CONCURSO BDArte

www.easr.pt

Regulamento

01. Participantes: individualmente ou em grupo não superior a duas pessoas, podem concorrer os Alunos de todos os cursos da Escola Artística de Soares dos Reis.

02. O concorrente ou grupo escolhe um pseudónimo (sem sugerir o(s) nome(s) do(s) participante(s) e coloca-o, obrigatoriamente:

- a)** na parte anterior ou posterior das folhas do(s) trabalho(s) apresentado(s) a concurso;
- b)** no exterior de um envelope fechado, que o(s) acompanhará;
- c)** dentro dele, numa folha – e só nesta –, a identificação do(s) candidato(s): nome, ano, turma, número, morada, e-mail e telemóvel. Colocar o nome do(s) candidato(s) no(s) trabalho(s) acarreta a exclusão do concurso.

03. Pode concorrer-se com mais do que um trabalho. Para cada um escolher-se-á um pseudónimo diferente.

04. Cada obra deve ter de quatro a cinco pranchas, em papel A2 de gramagem superior (300 gr), a preto e branco ou a cores, e texto em Português, terminológica, sintática e gramaticalmente correto. Concebida com técnicas e materiais que os concorrentes escolherão, devendo organizar e apresentar as suas criações de acordo com a estrutura e os códigos artísticos da BD.

05. Tema: O Pintor e a Soares dos Reis

Segundo Pedro Lapa, a tradição inglesa, nomeadamente a da Euston Road School, foi marcante na formação de António Cruz (1907-1983). Em especial Victor Pasmore e o modo como este seu contemporâneo pintou o Tamisa, em Chiswick. “É sobretudo a dissolução generalizada da paisagem e o seu sentido abstratizante que torna relevante a produção de António Cruz no quadro da segunda geração modernista.” Sem nada dizer aos pais, matricula-se na Escola de Belas

Artes do Porto, e em 1932 recebe o prémio de desenho José Rodrigues Júnior. A primeira exposição individual realizou-se em 1939, no Salão Silva Porto. Participou em muitas, coletivas na sua maioria, e foi distinguido com um número significativo de prémios. Concorre à EBAP em 1962, e em 1963 é nomeado professor agregado de Desenho, aprovado no concurso público com mérito absoluto. Lecionava na Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis desde 1958. Não usava bata nas aulas, nem mesmo nas de modelação. De porte fleumático e rosto austero, era um mestre de excelência que ensinava a libertar a mente, a ver para além do imediato, com poucas palavras e muitos exemplos de grande impacto decorrentes do seu invulgar talento artístico, relembra o ex-aluno, amigo e jornalista Álvaro Nazareth.

“António Cruz (...) é sem contestação possível o maior aquarelista português dos tempos modernos. Tirou a aquarela da banalidade para que a tinham arrastado Roque Gameiro e os aquarelistas portugueses. Deu-lhe grandeza, ressonância sinfónica; levou-a até atingir o valor de uma alta expressão sintética e afastou-a da superficialidade habitual (...)” Palavras de Abel Salazar. Vasco Graça Moura diz-nos que, para António Cruz, “Pegar numa cidade e restituir-lhe a dimensão de alma corresponde assim a uma longa expectativa, a uma procura de silêncios compassados pela fértil solidão que se povoa de memórias comovidas. A uma fidelidade.” Domina as suas paisagens uma luz que por um lado revela as formas e por outro as esconde. Em grande parte imortalizam o Porto, onde evidenciou invulgar aptidão para consubstanciar, em especial na aquarela, a luminosidade enevoadada e húmida da cidade, e o que de enigmático ela evoca. Ou não fosse ele o Pintor do Porto, como sublinhou José-Augusto França.

Obra e autor protagonizaram O pintor e a Cidade (1956), de Manuel de Oliveira, que contrapõe a sua visão fílmica à pictórico-poética de António Cruz, cuja paleta era muito própria do burgo portuense. Oliveira escolheu-o pela cor, e

dessa parceria resultaram imagens marcantes. O primeiro filme português a cores e o primeiro prémio internacional do cineasta: a Harpa de Prata (1957) do Festival de Cinema de Cork, na Irlanda.

“De todos os pintores do século XX, (...) foi decerto aquele que melhor soube entender a alma da cidade”, considera Bernardo Pinto de Almeida. Deixou-nos no Porto, a 29 de agosto de 1983. Definiu um dia a morte como “o descanso total”, em conversa com Álvaro Nazareth, a quem confidenciou na Ordem da Lapa, onde estava internado: “Preciso de me habituar a rir”. Enquanto a carvão desenhava o que terá sido o seu último trabalho: a fachada da Igreja da Lapa, “que ficava como que a “posar” para ele, assim que (...) abria a janela.” Evidenciou, na “talvez (...) mais difícil técnica da Pintura (...) um poderio e determinação quase inatingíveis. Por certo com emoção, mas essa ele muito raramente a fazia transparecer.” Numa entrevista, disse António Cruz a Álvaro Nazareth: “As minhas emoções estão nas minhas obras”.

Recorrendo aos códigos artísticos da 9.ª arte e aos dados disponíveis no texto sobre o tema, criem uma história a respeito de um aspeto da vida de António Cruz ou de uma ou mais das suas obras; acerca do que é ter um grande artista como Professor, em especial um que fez do Porto o tema central do seu trabalho; sobre a importância da pintura como forma de dar sentido(s) à vida, e se haverá (assim quis Manoel de Oliveira), entre a pintura e o cinema alguma relação. E o que mais ditar a vossa imaginação.

O tema pode ser adaptado, respeitando a ideia central, o espírito, os valores, e os critérios do XX Concurso BDArte. As obras deverão respeitar o prestígio da EASR no contexto do Ensino Artístico, e contribuir para projetar a sua atividade e consolidar o seu bom nome nas comunidades escolar e educativa.

06. Júri do concurso: um representante dos Cursos Especializados Artísticos no Conselho Pedagógico da EASR, três Professores das áreas artísticas (dois dos quais Docentes de Desenho), e o promotor do Concurso. A composição global do Júri será revelada após a data-limite adiante referida.

07. Nas situações previstas e imprevistas o Júri delibera e fundamenta, em ata, as suas decisões.

08. 03 de julho de 2023 na Biblioteca da EASR, numa capa protetora a devolver posteriormente.

09. Atribuir-se-ão três prémios e três menções honrosas, se o Júri assim o entender.

10. O Júri reserva-se o direito de não conceder o primeiro prémio se constatar que a qualidade dos trabalhos apresentados não justifica essa distinção.

11. A criatividade e a originalidade são valorizadas. Se houver comprovação de ter havido plágio, os prémios serão anulados.

12. Concorrer implica a aceitação integral do regulamento. Das decisões do Júri não há recurso.

13. Prémios a atribuir:

1.º Prémio – Um livro de reconhecida qualidade sobre arte e três objetos artísticos.

2.º Prémio – Um livro de reconhecida qualidade sobre arte e dois objetos artísticos.

3.º Prémio – Um livro de reconhecida qualidade sobre arte e um objeto artístico.

14. A  oferece um livro a cada concorrente premiado. Os Alunos distinguidos com prémios e menções honrosas receberão diplomas. Os concorrentes, certificados de participação. Os prémios, os diplomas e os certificados valorizam os curricula vitæ dos participantes, e prestigiam a EASR e o Ensino Artístico.